



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

LEITURA E ESCRITA: INSERIDOS NA SALA DE AULA COMO PROCESSO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Thiago Alves de Oliveira, UERN/CAP

Gerliane Alves da Cunha, UERN/CAP

Francisco Ilenilson da Silva, UERN/CAP

Iure Coutre Gurgel, UERN/CAP

Resumo: Trabalho realizado de experiência no estágio de ensino fundamental I do 2º ano na Escola M. Francisco Francelino de Moura, na cidade de Patu-rn, tendo como temas leitura e escrita, com objetivos de facilitar os mesmo no desenvolvimento cognitivo do ensino/aprendizagem, fomentando o interesse dos alunos por leitura como a priori da escrita, desperta através da contação de histórias o interesse pela leitura. Através de métodos como questionamentos direcionados a professora, observando e pela bibliografia de teóricos como Machado (2007), Ferreiro (2001), Amarilha (2006), Nunes (2009), Soares (1991), Sisto (2005) e outros. De acordo com o estágio realizado, percebi que a professora vem fazendo um bom trabalho em relação às temáticas aqui apresentadas. Os resultados foram positivos, tive um bom respaldo do começo ao fim, a turma absorveu as atividades e o retorno foi relevante.

Palavras-chave: Leitura, escrita e trabalho.

Introdução

O trabalho aqui disposto discute questões no que diz respeito ao processo de inclusão da leitura que a tanto é discutido entre os mais diversos estudiosos da educação, tendo como foco a temática envolvendo a literatura e escrita, sendo ambos respectivamente intercessores no modo de como deve ser uma das metodologias de ensino em alfabetizar. As discursões sobre leitura é principalmente o grande enfoque como modelo de base para educadores, ela sustenta as decorrentes vertentes de melhor forma de alfabetizar, garantindo através de histórias, contos e outros; levando o ouvinte (criança) e/ou atuante a uma mentalidade cognitiva expressiva.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A leitura é um pressuposto para a escrita, conduzindo a criança nas mais diversas formas de imaginação, sendo visto através de contos, crenças, culturas e a um mundo mágico que a leitura pode levar. É com objetivos de incentivá-la através de contos e leituras o hábito de ler e escrever, assim como despertar seu gosto por diversos gêneros literários. As bases do trabalho serão frisadas por teóricos como Machado (2007), Ferreiro (2001), Amarilha (2006), Nunes (2009), Soares (1991), Sisto (2005) e outros, que respaldam a importância da literatura como fundamental no processo de aquisição de conhecimento, as suas proposições e contribuições para a escola atual, todavia vemos uma escola envelhecendo em sua cultura tradicional, percebendo que carece de melhorias metodológicas que possam despertar uma educação que cresce em ritmo ainda insatisfatório, levando em consideração sua trajetória difícil em meio aos avanços educacionais e conquistas. “construir na escola uma política de formação de leitores no qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitores que envolva o conjunto da unidade escolar.” Kleiman (1996, p. 59).

1 Leitura como fonte de conhecimento

A leitura é uma forma constante de uma diversidade de suposições, que requer o ponto de vista do leitor, sendo este um reproduzidor daquilo em que sua leitura interpreta diante de sua visão, ou seja, ele vai adquirir sua própria concepção, a partir do que o autor escreveu e vai reproduzi-lo de maneira que melhor lhe convém ao seu entendimento, esclarecendo as particularidades do texto de relação subjetiva. A superação de uma visão redutora dos processos envolvidos no ato de ler é defendida por Soares (1991), segundo a qual:

A leitura não é uma atividade de mera decodificação, em que o leitor aprende, compreende e interpreta a “mensagem” do autor, mas é processo constitutivo do texto: é na interação autor-leitor que o texto é construído, é produzido. Ou seja: o texto não preexiste à sua leitura, pois esta é construção ativa de um leitor que, de certa forma, “reescreve” o texto, determinado por seu repertório de experiências individuais, sociais e culturais.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A grande intenção do texto é expor suas informações, informações essas que muitas vezes coloca o leitor em dúvidas, devido a complexidade do texto e o assunto abordado, tornando a interpretação um pouco complicada sendo difícil uma elaborada explicação, e surgindo explicações contrárias ao assunto formulando um ponto de vista insignificante, sendo necessário uma nova releitura ofuscando entre as entrelinhas seu real sentido textual, favorecendo o entendimento cognitivo concreto, e não parcial. Visto que Koch (2005, p.97):

As interferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita ou informação não explicada no texto.

Torna-se consciente ao nosso entendimento que o conhecimento não é algo instável, e sim progressivo, e o mesmo acontece em determinados textos, a leitura de um assunto favorece uma série de ramificações tornando-se complicado uma única definição daquilo que está sendo explanado e/ou visto, por exemplo, em uma redação dissertativa, não se deve fugir do assunto em questão sendo construído do início ao fim sem que abra espaço para assuntos interligados, por isso muitos fogem do tema ali em questão, entretanto o mesmo ocorre com temáticas dentro dos textos, criando e recriando textos de um único segmento, que aqui podemos chamar temas transversais. Levando em conta o papel ativo que o leitor desempenha Soares (1988, apud Dell'isola, 1991, p. 36) afirmar que “um mesmo texto multiplica-se em infinitos textos, tantos textos quantas leituras houver. Cada leitura construirá um novo texto, produto de determinações múltiplas”.

Um texto ao ser elaborado parte de um processo, que depende de uma junção de conectivos (palavras)uma seguida da outra, produzindo frases formulando o sentido do texto, a leitura vai favorecer para um bom desenvolvimento textual, não há como se escrever se não há leitura, como se diz: toda ação reflete uma reação. Como bem o observa Adam (1992):



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

As listas de ações se organizam de forma linear, obedecendo a uma lógica simplesmente cronológica. Nas narrações, ao contrário, os acontecimentos, ainda que estejam cronologicamente ordenados, obedecem a uma lógica causal, em que acontecimentos anteriores funcionam como a causa de acontecimentos posteriores.

Entende-se que a leitura é algo questionável, há uma serie de fatores que necessitam ser revisto, onde se busca uma representação objetiva do que seja ler e entender, sendo representado através da escrita de forma coerente com o que foi lido, que não passe a ser apenas conjunto de palavras que não fazem sentido algum, transcrito de forma superficial sem valor didático, mas esteja de acordo com o texto, um referencial textual descrita interpretativa. Representado por Ferreiro (2001, p.22)

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda por que a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar a noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível.

Quando se lê percebe-se um mundo novo, onde existe um amontoado de referencias, posições do autor e suas contrariedades, há descrições de variada compreensão que requer um bom entendimento, coisas ditas e outras não ditas que confundem o leitor e também o receptor, devendo sempre haver os devidos cuidados em conhecer a língua culta portuguesa com suas mazelas e concordâncias. Sendo o ato de ler uma forma de perceber seu contexto e conhecer como é sua linguagem natural. Travaglia (2002) ressalta que, “nesse contexto, as regras constituem as normas gramaticais do falar e escrever bem, essas regras resultam no ensino de gramatica normativa ou tradicional”

Reconhecer as palavras do texto e traduzi-las não favorece para que as compreenda em sua totalidade reproduzindo da maneira como estão escritas, mas buscando vê-las de um outro ponto de vista, reconhecendo sua essência estrutural do inicio ao fim, procedendo um olhar amplo daquilo que o autor quer mostra, arriscando sua subjetividade, mesmo que de certa



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

moderação vinculando em si um posicionamento descritivo qualitativo e tentando concretizar aquilo que está escrito, enunciado em Bakhtin (1996, p.85)

O essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular.

Para alguns a leitura é realizada em diferentes níveis de conhecimento, sendo caracterizado de forma complexa entre si, mas que são reproduzidos em um mesmo meio distinguido através da leitura interpretativa e conclusiva, provocando ao leitor sua máxima atenção e estruturando em seu pensamento aquele raciocínio concreto do que foi lido. Segundo Kleiman (1989, p.13-27), os níveis de conhecimento que são abarcados durante a leitura são:

- a) O conhecimento linguístico é aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos.
- b) O conhecimento textual entendido como um conjunto de noções e conceitos sobre o texto (por exemplo: discursos narrativos, descritivos, argumentativos).
- c) O conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico consiste na configuração de conceitos e relações subjacentes ao texto, organizados sob a forma de esquemas, entretanto essa “construção” estará associada à visão pessoal e às crenças do leitor.

Podemos perceber em relação a leitura e escrita que Sciliar (1995), descreve de forma objetiva sobre o mesmo ressaltando que não há uma fórmula secreta para se ler e escrever, é somente ler e ler e adquirir a compreensão do que está escrito e colocá-las no papel de confronto com o que foi absorvido pelo leitor.

2 Conta histórias: Despertando a leitura



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A muito se tem discutido como introduzir a leitura para as crianças, uma maneira que seria solúvel que refinasse o abito de ler, conquistando o interesse pela leitura para manter essa criança inteirada sobre o conhecimento que pode ser adquirido através dos livros, não como algo obrigatório, mais necessário nesse processo de desenvolvimento cógico, entretanto chega até nós nos dias atuais que contar história é um método de grande relevância para salienta-la em ler, realizado antes pelos povos antigos como algo prazeroso, fazendo parte de sua educação, relatado por Sisto (2005, p.28):

Contar histórias é um meio de comunicação ancestral. Isso nos obriga a pensar em Platão, que na sua “República” já se referia a importância de contar contos – primeiro os contos, depois a ginástica – para a educação ética das crianças gregas, sem, contudo negar a função de entretenimento que esses mesmos contos podiam proporcionar. E isso nos obriga ainda a pensar em Aristóteles: ouvir uma boa história é também experimentar o efeito catártico. E podemos ainda pensar nos aedos, bardos, rapsodos, jograis, trovadores, saltimbancos, menestréis, bufões, que de diversas formas contavam histórias e difundiam obras..

A linguagem oral é favorável para o desencadeamento de mediação do conhecimento, ilumina uma mente ainda sem relatividade ao seu meio social, essa oralidade vai sendo tecida em seus primeiros anos de vida, os pais sem ação intencional contribui nesse processo de amadurecimento, contando histórias de maneira de descontração de si e da criança, contribui em um valor inquestionável de interação para com essa criança em seu desenvolvimento intelectual, fazendo de seu pensamento uma morada de um alicerce que será construído em toda sua vida. Relatado por Pennac (1993, p.17), descrevendo:

Sejamos justos. Nós não havíamos pensado, logo no começo, em impor a ele a leitura como dever. Havíamos pensado, a princípio, apenas no seu prazer. Os primeiros anos dele nos haviam deixado em estado de graça. O deslumbramento absoluto diante dessa vida nova nos deu uma espécie de inspiração. Para ele, nos transformamos em contador de histórias desde o seu desabrochar para a linguagem, nós lhes contamos histórias. E essa era uma aptidão em que nos desconhecíamos. O prazer dele nos inspirava. A felicidade dele nos dava fôlego. Para ele, multiplicávamos os personagens, encandeávamos os episódios, refinávamos as armadilhas...



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Uma pessoa ao ouvir contos, histórias onde ocorrem narrativas percebe-se a curiosidade em conhecer toda a narrativa do início ao fim, é igualmente quando se assiste a um determinado filme, aquilo te provoca certa inquietação, envolve sensações até mesmo como se estivesse participando, te atrai de um jeito que fica muitas vezes impregnado em sua mente por vários dias e pode até permanecer, visto isso, ao contar histórias para as crianças, vão gerar também na mesma essa aquisição, curiosidade, participação no que está sendo relatado, fomentando nela esse interesse em conhecer várias outras histórias, criando algo progressivo no seu desenvolver. Expondo Amarilha (1997, p.20):

Todo receptor, ao perceber as linhas iniciais de uma história, imediatamente mobiliza-se para saber como foi que tudo acabou. Enquanto a narrativa faz uma proposta de sentido, para o receptor, a busca do “sentido de fim” representa a busca de um significado que uma vida possa ter. A narrativa proporciona essa experiência de uma só vez e, estando envolvido nos eventos, é difícil resistir à tentação de se conhecer antecipadamente o fim da própria história.

Ao se contar histórias para crianças, o contador perpassa todo um conjunto de fatores para que a envolva nesse mundo imaginário, ele cria espaços não vivenciados pelo mesmo, constrói um ambiente cativante que gera no ouvinte esse desejo de um dia encontrar esse lugar, criando em sua mentalidade essa expectativa de imaginação, além de conquistar o carinho e a atenção do receptor, estreitando uma relação de vínculo afetivo, que Sisto (2005), “Quem conta é também quem aconchega quem traz pra perto, quem respira junto e quem dialoga”

O ato de ouvir as histórias infantis remete uma inúmera gama de sensações, é nela que a criança experimenta uma vasta experiência, tanto participando daquele momento de entretenimento que ocorre durante a interpretação, te causando risos e gargalhadas, como também te ensina nas várias questões que causam interesse, as perguntas e respostas que ali lhe serão indagadas: Abramovich (1993, p.14) reforça esse argumento relatando que:

Ler histórias para crianças sempre é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou como jeito de escrever de um ator, e então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

humor, de brincadeira, de desenvolvimento. É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar.

Nas mais diversas formas de alfabetizar, a ludicidade tem ganhado grande ênfase em seu método de levar o sujeito na participação das atividades desenvolvidas, e a contação é propícia nesse segmento formador, o lúdico e a contação juntas rompendo as dificuldades de transmissão do conteúdo, sendo ambas realizadas juntas envolvendo o enredo e o drama, uma justificando a outra em detrimento de um único objetivo, corresponder às necessidades de alfabetização, contribuindo para que a comunidade escolar tenha essa visão dinâmica que pode ser concretizado em prol da educação, incluir sempre métodos que possa letrar e não somente ensinar de forma sistemática.

Metodologia

A leitura e a escrita são condições acessíveis de alfabetizar, é promovendo estas nas escolas que poderemos ter um novo cenário de educação; é com leitura que estaremos incentivando o gosto por ler e escrever, levando a comunidade escolar em adotar essa metodologia cada vez mais nas salas de aula.

A prática de estágio de ensino fundamental I de 2º ano foi possível salientar alguns pontos sobre a alfabetização, visando a leitura e escrita e suas particularidades de como é inserido em sala de aula, visto que a leitura e escrita é realmente trabalhada no ambiente escolar, realizada rotineiramente e foi com este incentivo que continue durante todo o período de estágio articulando e promovendo leitura e escrita; a professora vigente mostrou seu empenhado em sua metodologia de ensino, trabalhando as temáticas aqui declaradas, através de perguntas direcionadas a mesma pude conhecer um pouco a realidade da turma, um serie de questionamentos foram realizados em decorrência da prática, o dia a dia reconhecendo o perfil da escola e também da turma e a partir dessa metodologia busquei recolher o máximo de informações possíveis.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A leitura além de promover o conhecimento, também favorece momentos de descontração e reflexão nos fazendo entrar na realidade daquela história escrita, é um mundo que viajamos em tramas, dramatizações é um cenário surreal que mais parece esta acontecendo no exato momento da leitura.

Resultados

De acordo com os resultados obtidos do estagio II de ensino fundamental I, a condição de métodos propostos em decorrer do estagio foram concretizados em sua plena atividade em sala de aula, uma experiência que contribuiu em minha formação, como também utilizei a teoria acadêmica que me favoreceu em certos momentos, pude utilizar de forma experimental, mas que tive êxito ao leva-lo a prática, sem contar que a experiência anterior de estagio, se tornou base como reforço nesta nova etapa que concluí.

As varias atividades realizadas no estagio foram como percalço e tive animo em superar, já que a professora vigente me auxiliou nas dificuldades em lidar com as personalidades da turma e consegui terminar meu estagio com muita vontade de obter uma nova experiência.

O que se ver atualmente é um paradigma quase que extinto, o visão de que o professor é o centro do conhecimento de que possui o saber e somente ele pode ler e interpretar, todavia vimos que a pedagogia vem trabalhando para que seja vigorado um novo modelo de se ver o trabalho escolar realizado pela leitura e escrita, abrindo espaço para que o discente possa dispor de sua opinião, não considerando aspectos de que esteja ou não errado em suas respostas, mas buscando encontrar a subjetividade dos mesmos, e estudar de que melhor modo podemos trabalhar essas vertentes no que diz respeito a leitura e escrita. Como observa Kleiman (1996, p. 49), “a prática escolar, tanto do professor como do livro didático, (...) privilegia uma leitura, a do professor, como a única leitura correta, autorizada”

Algumas considerações



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

O estagio realizado com a temática de leitura e escrita, foram de grande ajuda na condução da pratica, que além de sua importância no desenvolvimento de alfabetizar, é uma metodologia que pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, facilitando o letramento. O estagio propôs um desafio que serviu como articulador de ideias que ainda não estivera com o anterior, sendo construtivo, pois o desafio se fez maior com crianças que estavam em um estagio maior de desenvolvimento intelectual cognitivo.

O desafio da sala de aula só mostrou ainda mais a grande importância da formação acadêmica no processo da teoria/pratica, despertando em mim o desejo de conduzir em minha formação como educador, fortalecendo apesar dos desafios, mas que podem ser vencidos com sua vontade de mudar a situação da educação, não negligenciando ao seu ser social como profissional da educação a tarefa de fazer sua parte como membro formador e despertador do ensino/aprendizagem nas escolas que vemos o descaso de famílias carentes na pobreza e também na parte educativa, uma missão essa que nós educadores temos que fazer nossa parte e proporcionar uma mínima inclusão para essas crianças que se vêm perdidas em meio a sociedade segregativa, que exclui, ratifica e torna seus membros oprimidos que me lembra Paulo Freire.

Ler, contar histórias é fator contribuinte nesse processo de leitura, é transformadora do sentimento humano, ela transfere através do contar, algo além daquilo que esta escrito realizando um momento de reflexão, confrontado com o que esta acontecendo no dia a dia, levantando questionamentos diários suscitando uma mentalidade adormecida, vista por Machado (2007), “Conte histórias, leia histórias em voz alta, dê livros bons para as crianças lerem sozinhas. O futuro agradece. O seu, o delas, o da humanidade.”

Referencias

ADAM, J. M. Les textes: **types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

DELL'ISOLA, R. L. P. Leitura: **inferências e contexto sócio-cultural**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1991.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

KLEIMAN, A. Oficina de leitura: **teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996.

KOCH, I. G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: **MIRANDA, N. S. e NAME, M. C. (Orgs.)** Linguística e cognição. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 95-107.

SCILIAR, Moacyr. In: **Blau – Jornal bimestral de literatura**, Porto Alegre, n. 5, agosto de 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: **uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: **Teoria e Prática**. 9ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BAKHTIN, Micaíl. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução por M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Balaio: livros e leituras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. S. P.: Scipione, 1989.

AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura**. Trajetórias de sentidos. João Pessoa: UFPB-PPGED/UFRN, 2003.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica nasala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**